O ODISSEU

Edição 007
Setembro de 2022

As Literaturas da Independência: Os escritores que nos ajudaram a pensar o Brasil nos últimos 200 anos.



MACHADO DE ASSIS

Por Pedro Henrique Rodrigues

O ODISSEU

Edição 007
Setembro de 2022

As Literaturas da Independência: Os escritores que nos ajudaram a pensar o Brasil nos últimos 200 anos.



LIMA BARRETO

Por Tônio Caetano

O ODISSEU

Edição 007
Setembro de 2022

As Literaturas da Independência: Os escritores que nos ajudaram a pensar o Brasil nos últimos 200 anos.



CAROLINA MARIA DE JESUS

Por Laís Souza

CONTRACAPA

O BRASIL RESISTE



AO BRAZIL

Sumário

"Sobre a edição que chega até você" - 02
"Machado de Assis: O Bruxo do Velho Cosme" - 05
"Sertão e Nação em Euclides da Cunha" - 07
"Leia Lima Barreto, porque nada está desconectado" - 09
"Augusto dos Anjos - O Verme Desgarrado" - 12
"Jorge Amado: Quase um Século de Escrita" - 16
"Zélia Gattai e Patrícia Melo: Autoras" - 18
"Devemos rosas à Carolina Maria de Jesus" - 20
"Clarice Lispector - Um Mistério" - 23
"Ariano Suassuna e o Brasil Real" - 25
"Adélia Prado: Agora, ó José" - 28
"Chico Buarque - Quando se é artista" - 30
"Eliana nada disse de Ti, Brasil" - 32





Sobre a Edição que chega até você

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Criador da Revista O Odisseu

Olá, leitor! Com muito prazer escrevo essa carta de apresentação da sétima edição da Revista O Odisseu, que é a do mês de Setembro. Essa é uma edição diferente, e que busca pensar sobre os 200 anos de suposta Independência do Brasil. Aqui não deixo de mencionar que é impossível pensar em independência num país que ainda ocupa posição de subordinação na ordem mundial e cujos seus habitantes não são independentes. O Brasil é um país que permanece na dinâmica da Divisão Internacional do Trabalho, e portanto tem uma economia centrada na produção de gêneros alimentícios para muitos países do mundo. Ironicamente, enorme parcela da nossa população passa fome por não ter acesso a comida.

Não é por acaso.

A nossa história de exploração reverbera e sofremos com uma classe política desinteressada em pensar o Brasil, mas que considera interesses próprios ou de grupos específicos na hora de votar em qualquer Projeto de Lei ou Projeto de Emenda Constitucional. Devo lembrá-los que no dia 2 de Outubro temos a chance de mudar o país a partir do voto, portanto vote com consciência.

Em 200 anos de rompimento com a Coroa Portuguesa nós ainda pensamos sobre as mesmas mazelas que nos assustaram no passado, como a fome, o preconceito, a desigualdade social, a ausência de educação pública de qualidade, e todos os demais problemas que conhecemos. Nesses dois séculos, a literatura foi ferramenta fundamental para a nossa reflexão sobre o Brasil, e é justamente essa a nossa proposta: te entregar uma lista de escritores que nos ajudaram a pensar no nosso país nos últimos 200 anos.

SOBRE A ESCOLHA DOS ESCRITORES

Como você perceberá, essa não é uma lista completa, coisa praticamente impossível de fazer em um país cuja literatura floresceu apesar dos pesares. É uma lista com base na experiência própria de nossos colunistas, a partir dos escritos que foram fundamentais para que eles pensassem o Brasil. Ainda assim, reduzida. Falta, e nós sabemos.

Todavia, também temos nomes aqui que são importantes e imprescindíveis. Para começar, falaremos dos três escritores principais que foram escolhidos como capa dessa edição: Machado de Assis, Lima Barreto e Carolina de Jesus. Três escritores negros e que refletiram muito sobre sua própria condição no Brasil.

Não é por acaso.

Machado de Assis é, sem sombra de dúvidas, o maior escritor desse país. Escreveu assiduamente durante toda a sua vida, e sobre os mais diversos temas. Seu sarcasmo, ironia, perspicácia e coragem são alguns dos atributos que o destaca, para além do próprio talento com a palavra. Eu, particularmente, considero Machado o maior escritor em língua portuguesa, e aqui coloco em segundo plano outros grandes nomes, como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, José Saramago, José Craveirinha, Eça de Queiroz e até mesmo Camões. Nenhum deles teve o sucesso de Machado de Assis

quanto à qualidade de seus textos (embora sejam, indiscutivelmente, geniais).
Lima Barreto é o Brasil: um sentimento de revolta que ascende com potência e uma luta incansável pelo reconhecimento. Acredito que o destaque de Lima Barreto está na sua capacidade de assimilação impressionante, visto que nenhum detalhe das entrelinhas sociais do Brasil lhe passou desapercebido, e isso na virada do século. Indiscutivelmente um visionário.
Por fim, não menos importante, Carolina Maria de Jesus, que é toda mulher brasileira. Para além da coragem de escrever o Brasil como de fato é, compartilha com os outros dois escritores a prosa, dramaturgia, poesia e todo tipo de literatura impecável. Carolina é a prova viva de que a cultura, a inteligência e sofisticação está em qualquer lugar, inclusive em um barracão de uma favela.
Esses três escritores não poderiam não estar na lista, e estão com o destaque adequado.

ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE A EDIÇÃO DE SETEMBRO

Temos uma linha mestra conduzindo essa edição: os escritores estão apresentados em ordem de nascimento, para mostrar a evolução do Brasil nos últimos 200 anos através da perspectiva literária. Além disso, destaco a paleta de cores na capa, contracapa, sumário e em alguns detalhes das demais páginas, que foram todas retiradas da paleta de cores que a nossa grande artista, Tarsila do Amaral, usou em seus quadros. Essas são formas de pensar o Brasil.

RETRATAÇÕES

Como já mencionei, fico muito tocado ao perceber que não deu para pôr todos os escritores que eu gostaria na lista. Por isso, gostaria de fazer uma retratação com alguns dos nomes que também considero indispensáveis para se pensar o Brasil. Esta também será uma lista incompleta, mas não deixa de ser melhor do que a lista dos escritores com ensaios na edição. Confira esses nomes:

Castro Alves: Cuja sensibilidade quanto aos tópicos do Brasil permitiu que se tornasse um dos grandes poetas brasileiros. Hoje ele guarda a Baía de Todos os Santos;

Cecília Meireles: Que transitou entre os gêneros literários com a maestria de poucos autores no mundo;

Mário de Andrade: Cuja ironia e sagacidade nos ajudou a pensar o Brasil;

Dalcídio Jurandir: Nos apresentou importantes retratos de um Brasil vivo e pulsante, que é o Norte do país;

Carlos Drummond de Andrade: Maior poeta brasileiro, possui alguns dos escritos mais importantes da língua portuguesa e deixou em sua literatura reflexões sobre seu país;

Graciliano Ramos: É impossível pensar em nordeste sem considerar o Mestre Graciliano Ramos. Sua literatura não nos é esquecida;

Erico Veríssimo: Por nos fazer pensar o Brasil a partir da perspectiva do sul do país, sempre com críticas importantes;

João Guimarães Rosa: Escreveu um dos mais belos e completos romances de todos os tempos e de todas as línguas, "Grande Sertão: Veredas", e que conseguiu elevar o nível da literatura produzida no Brasil a um patamar de aclamação mundial;

Lygia Fagundes Telles: Que é sinônimo de coragem na literatura. Foi a primeira a publicar em livro depoimentos de tortura da Ditadura Militar. Uma das maiores escritoras de língua portuguesa;

Rachel de Queiroz: Primeira mulher na Academia Brasileira de Letras e a ganhar um Prêmio Camões, sempre com escrita impecável;

Ferreira Gullar: Provavelmente o último grande poeta brasileiro (até agora) e que dominou a palavra e a língua portuguesa como poucos;

Nélida Piñon: Contribuiu com importantes reflexões sobre as famílias que vieram fazer o Brasil, e sobre a Americanidade como um todo;

Hilda Hilst: Ícone da literatura brasileira, conseguiu demonstrar em seus textos (em diversos gêneros) a intensidade subjetiva de uma mulher;

Caio Fernando Abreu: "Escritor da Paixão", como diria Lygia Fagundes Telles. Teve a coragem de ser ele mesmo e justamente por isso produziu textos de qualidade inquestionável;

João Ubaldo Ribeiro: Por seu grande talento e amor às palavras que foi capaz de produzir algumas das grandes obras da literatura brasileira;

Ignácio de Loyola Brandão: Indispensável para a construção literária do Brasil e excelente em tudo o que faz;

Rubem Fonseca: Cuja literatura é violenta, como o Brasil é. Que foi um grande pensador, e cujas palavras ainda reverberam;

Conceição Evaristo: Maior escritora brasileira viva, e que nos apresentou narrativas de Brasis invisíveis;

Milton Hatoum: Um dos grandes escritores vivos e que nos apresentou muito do Norte do país de forma primorosa;

Ailton Krenak: Não apenas um grande escritor, mas um grande pensador dos nossos tempos, e que nos apresenta questões desafiadoras sobre o sistema de coisas corrente;

Itamar Vieira Jr: Que já entrou para o cânone literário brasileiro por conta de sua escrita primorosa e que reflete o seu tempo e o seu povo.







Machado de Assis - O Bruxo do Velho Cosme

Pedro Henrique Rodrigues
Colunista da Revista O Odisseu

Há cem mil anos, diferentes espécies de humanos habitavam o Planeta Terra. Enquanto nossos ancestrais Homo sapiens estavam principalmente na África Oriental, a espécie Homo neanderthalensis ou neandertais ocupava o que hoje conhecemos como Europa, o Homo erectus se encontrava na Ásia e o Homo soloensis na ilha de Java. Nenhuma espécie tinha supremacia sobre o planeta. Os Homo sapiens não tinham qualquer conquista que sobrepujasse às outras espécies. Até mesmo existem evidências de que tais espécies cruzaram entre si. Considerando que apenas uma delas sobreviveu até hoje, surge a questão do porquê o Homo sapiens ter sido a espécie a ter conquistado o planeta. Em seu livro "Sapiens: uma breve história da Humanidade", Yuval Noah Harari escreve que o ponto de virada ocorreu há cerca de 70 mil anos, quando nossa espécie passou por uma "Revolução Cognitiva", gerando habilidades cognitivas únicas que levaram nossa espécie a se impor sobre as outras espécies de seres humanos e se espalhar por todo o planeta. Mais especificamente, Harari pontua que a capacidade coletiva de acreditar em histórias e mitos foi fundamental para que o Homo sapiens cooperasse em larga escala e, assim, organizar nações, religiões e mega empresas, permitindo a realização de feitos inimagináveis. Embora outros animais possam viver em grupos, o número de indivíduos é limitado devido à natureza dos laços sociais que os unem, diferentemente do que ocorre conosco. Segundo Harari, temos a habilidade única de unir milhões e milhões de estranhos em torno de mitos comuns. Nossa imaginação coletiva é composta de ideias como liberdade, direitos humanos, deuses, leis e capitalismo, que nos permitem cooperar em escala inimaginável e realizar feitos grandiosos. Indo mais adiante na leitura do livro, Harari menciona que todas as sociedades são hierarquias imaginadas. No continente americano, perpetuou-se a hierarquia racial.

Entre os séculos 16 e 18, milhões de africanos foram escravizados para suprir a mão de obra necessária em minas e plantações. Mitos religiosos e científicos foram utilizados para justificar tal hierarquia. No Brasil, o racismo está em todas as esferas. As estatísticas não deixam mentir: negros são as maiores vítimas de pobreza e violência, enquanto brancos ocupam o topo da pirâmide social. Embora imaginários, os ideais de nossa sociedade repercutem profundamente e negativamente na vida dos negros há séculos. Mesmo assim, um homem desafiou todas as convenções sociais impostas sobre ele. De família pobre, negro, sem acesso à educação de qualidade, tornou-se um grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época e o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Sua obra abrange quase todos os gêneros literários, com sua poesia englobando o Romantismo em Crisálidas (1864) e Falenas (1870), o Indianismo em Americanas (1875) e o parnasianismo em Ocidentais (1901). Enquanto isso, as coletâneas de Contos fluminenses (1870) e Histórias da meia-noite (1873) e os romances Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878) também compõem a obra do autor, sendo influenciadas pelo Romantismo. Então, introduz o Realismo no Brasil e surgem suas grandes obras-primas tais como Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, que vão além da escola literária proposta e fogem de qualquer outra existente, classificando-o para o posto de maior escritor brasileiro de todos os tempos. Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, um acidente geográfico localizado na então capital do Império, Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839.

Filho de pais alforriados, vindos da Ilha de São Miguel, que sabiam ler e escrever, algo que fugia do esperado em pleno Período Regencial e da classe social que ocupavam, Machado foi apadrinhado por Dona Maria José de Mendonça Barroso Pereira, esposa de senador, e seu cunhado Joaquim Alberto de Sousa da Silveira. Iniciou os seus estudos em uma escola pública, não demonstrando interesse por ela. Também celebrava missas, já que havia forte influência da Igreja Católica na época. Desde cedo, apresentou grande interesse por livros. Publicou seu primeiro soneto em 1854, se tornou aprendiz de tipógrafo e revisor de imprensa na Imprensa Nacional aos 17 anos, onde foi incentivado pelo autor de Memórias de um sargento de milícias Manuel Antônio de Almeida a seguir carreira literária. Em poucos anos, já era figura carimbada nas rodas intelectuais cariocas, trabalhando como repórter e jornalista e continuando sua produção literária. Funda a Arcádia Fluminense, uma sociedade voltada para atividades artísticas e literárias. Galgando posições como burocrata, torna-se diretor-assistente do Diário Oficial, sendo nomeado por Dom Pedro II. Casa-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais. Publica Memórias Póstumas de Brás Cubas em 1881. Em 1883, muda-se para a casa nº 18 da Rua Cosme Velho, cujo nome fez surgir o epíteto de Bruxo do Cosme Velho. Quincas Borba é publicado em 1891. Em 1897 funda com outros escritores a Academia Brasileira de Letras e é eleito o primeiro presidente da Academia. Em 1899, Dom Casmurro é publicado. Seguem Esaú e Jacó em 1904 e Memorial de Aires em 1908, ano em que falece. Durante sua vida, Machado foi testemunha da Abolição da escravatura e de mudanças políticas históricas. Gênio literário, se impôs como o maior nome da literatura brasileira e um dos maiores da língua portuguesa. Desafiou todos os mitos coletivos que sustentam até hoje a nossa hierarquia social racista.

Diante de sua história e de seu legado, deixo uma questão: quais são os mitos coletivos, que apesar de permitirem a cooperação humana em larga escala também são capazes de sustentar atrocidades, precisamos destruir? Machado deixou claro que os mitos coletivos que sustentam o racismo, a desigualdade social e tantos outros problemas não são indissociáveis de uma sociedade humana. Em sua vida e obra, tratou sobre a ascensão social e as aparências sociais, tecendo críticas através de ironias em suas obras atemporais. Quais mitos coletivos devem sustentar a nossa sociedade para que seja uma realidade em que "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos"? É uma questão talvez tão polêmica quanto Capitu trair ou não trair Bentinho, e com certeza tão necessária quanto Machado em nossa História e Literatura.



Sertão e Nação em Euclides da Cunha

Raique Lucas de Jesus Correia
Escritor e colunista da Revista O Odisseu

Desde a poesia romântica do século XIX até os dias atuais, o sertão continua sendo tema candente na literatura brasileira. De José de Alencar a Itamar Vieira Júnior, do Manifesto Regionalista ao Movimento Armorial, o sertão tem sido fonte de inspiração e objeto privilegiado de análise para muitos escritores e intelectuais. Frequentemente, essas leituras e representações, por assim dizer, se associam à própria busca de uma suposta identidade nacional, cujo núcleo estaria enraizado no sertão. Isso se deve, aliás, não apenas em virtude das peculiaridades sociais e geográficas desta região, mas, sobretudo, por conta da grande riqueza cultural preservada nas histórias e costumes do povo sertanejo.

Publicado originalmente em 1902, Os Sertões de Euclides da Cunha, é um exemplo notório da importância do sertão no seio da literatura nacional. Com este livro, Euclides não só garantiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, como também causou uma profunda reviravolta nos debates e discussões da época, fazendo do acontecimento de Canudos um episódio fundamental para o entendimento do Brasil como nação. Entre a civilização cosmopolita do litoral, da qual Euclides era proveniente, e a civilização agreste do sertão, com que se deparara, é que se explicita as contradições e ambiguidades de um país marcado pela desigualdade social e pelo descaso político.

Antes da sua "conversão" em Canudos, Euclides da Cunha, um republicano fervoroso, formado na cidade grande, acreditava que o Brasil deveria tomar os mesmos passos das civilizações europeias, caso quisesse se tornar um país desenvolvido e moderno. Euclides, assim como outros intelectuais do seu tempo, aproximava-se do ideal iluminista e liberal que apostava na República as fichas de um futuro promissor para o Brasil. Respaldado por uma fundamentação evolucionista da história, ele acreditava que o fim da monarquia haveria de ser um primeiro passo no "caminhar da pátria", rumo a um modelo de sociedade avançada, como reflexo da própria evolução mental do ser humano.

Entretanto, esse entusiasmo seria frustrado pelas revoltas políticas e disputas que, mesmo após o fim da monarquia, perduraram no novo regime, não raras vezes sendo resolvidas com base na violência e repressão. Assim, a República mal começara e já estava envolta em um mar de instabilidades, o que veio a se agravar ainda mais com a notícia do surgimento na Bahia de uma comunidade religiosa liderada por um "profeta" monarquista e antirrepublicano.

A ideia de um assentamento independente, formado por todo de tipo de gente pobre do sertão, logo causou temor aos grandes fazendeiros e proprietários de terra do Nordeste, que passaram a exigir uma resposta do novo governo então instaurado. Além disso, Canudos significava para o novo projeto republicano um sinal de atraso e de fanatismo, um resquício do Império e, portanto, uma ameaça ao progresso da

da nação.

À vista disso, o exército brasileiro foi convocado para invadir e destruir o arraial e não faltaram teorias da conspiração, sobretudo, após a derrota das primeiras expedições, que buscavam classificar aqueles pobres sertanejos como bárbaros perigosos que faziam parte de um grande complô internacional contra a novíssima República brasileira.

Essa imagem do sertão e do sertanejo como símbolos da rudeza agreste e da ignorância extrema, se chocaria, por sua vez, com aquela outra imagem pronunciada pelo próprio Euclides em Os Sertões, quando diante de Canudos, percebeu os equívocos que havia cometido, chegando a definir aquelas pessoas que rotulava pejorativamente de "jagunços" como a "rocha-viva da nacionalidade". Contrapondo sua posição de militar (defensor do exército e da República), a mescla de compaixão e fascínio que passou a ter pelos bravos combatentes de Canudos, é que o autor de Os Sertões, como observa Walnice Nogueira Galvão, "se apaixona pelo inimigo e não pelo aliado".

Apesar disso, mesmo que dilacerado pela culpa, Euclides continuou acreditando no projeto republicano, na necessidade de modernização do país e na definição de uma identidade brasileira vinculada a concepções racialistas. Não obstante, a despeito de outros erros e contradições, Euclides da Cunha foi quem começou a reparar, por meio da sua obra, o crime cometido em Canudos. E se hoje temos consciência desses fatos é porque a sua denúncia se fez ouvir, imortalizando os verdadeiros heróis brasileiros naquelas páginas sangrentas e esbraseadas de Os Sertões.







Leia Lima Barreto, porque nada está desconectado

Tônio Caetano
Escritor e Colunista da Revista O Odisseu

I

2022 é o ano em que a morte de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), o nosso Lima Barreto, completa 100 anos.

Lima Barreto não foi só neto de escravizados;

Não só o filho de Amália Augusta Barreto e de João Henriques de Lima Barreto;

Não só o órfão de mãe aos 6 anos;

Não só aquela criança com 7 anos quando a princesa assinou a Lei Áurea;

Não só o estudante negro a sofrer racismo nos ambientes escolares, do fundamental ao ensino superior;

Não só o filho mais velho, aquele que precisa abandonar a faculdade para assumir a casa, ser arrimo de família, quando o pai, sucumbindo, entra para dentro de si;

Não só o servidor público a lidar com o preconceito no ambiente de trabalho;

Não só o jornalista, o cronista passeador que sofre com a visão da cidade se tornando caricatura;

Não só o cidadão negro interessado em filosofia, em entender e intervir contra as engrenagens do mundo que - com racismo, corrupção, miséria e álcool -, busca destruir todos que lutam por um espaço menos desigual;

Não só o escritor que contribui para o enegrecimento da Literatura Brasileira, o mais moderno entre os "modernos", aquele que zomba do nacionalismo ufanista, que é cancelado pelos donos da Semana de Arte Moderna de 1922, que é recusado três vezes pela Academia Brasileira de Letras;

Não só o homem que encontra no álcool a forma de amortecer tudo o que não via como consertar;

Porque nada está desconectado.

II

Acabo de terminar a leitura de Clara dos Anjos. Obra que Lima Barreto não conseguiu ver impressa, ver circular, receber o retorno dos leitores, partes fundamentais do processo de ser escritor.

Clara dos Anjos segue atual mais de 70 anos depois da sua primeira publicação em 1948, 26 anos depois da morte do autor.

Na história que se desenrola no subúrbio do Rio de Janeiro, vemos por meio de Clara dos Anjos, Cassi Jones, familiares e demais personagens, a estrutura racista e machista já existente no tempo da primeira república. Contexto em que Cassi Jones, homem branco e sedutor, comete crimes diversos e, calcado no dinheiro, na posição social, nos privilégios e na covardia, herança da casa grande, segue livre a despeito de qualquer prova irrefutável.

Há também na história o "tornar-se" de Clara. Nas palavras da escritora e professora Marieta dos Santos da Silveira, "Clara se dá conta de que ela era igual a qualquer moça parda, negra, cafuza, mulata do seu entorno: desprezada e considerada de segunda classe" (1).

É no momento em que Clara dos Anjos toma consciência da sua posição de mulher negra na estrutura da sociedade que o romance acaba.

Resta a genialidade de Lima Barreto nos legando a tarefa de continuar esta história.

Porque nada está desconectado.

III

Outro dia - depois de participar de um encontro bem ao estilo mesa de bar, amigas e amigos, cerveja de litro e batata frita, com discussão acirrada sobre o quanto buscar, criar, um novo método de pesquisa era ou não fazer parte do "método científico" -, comecei esta lista:

Você que não se deixa domar é também Lima Barreto;

Você que percebe o mau olhado que recebe ao botar o pé na porta de ambientes que dizem não ser pra você também é Lima Barreto;

Você que não se acomoda no trabalho que te diminui também é Lima Barreto;

Você que vai além da indignação e chega na ação antirracista também é Lima Barreto;

Você que lida com as palavras em contraposição a tudo que sustenta a morte também é Lima Barreto;

Você que se encontra na poesia Magia Negra do escritor Sérgio Vaz também é Lima Barreto (2);

Você que caminha pelas ruas frias da cidade a encontrar tantas e tantos outros Limas Barretos também é Lima Barreto;

Você que não teme criar seu próprio método pra compreender o mundo, sobreviver, também é Lima Barreto;

Porque nada está desconectado.

IV

Existe um Adinkra, símbolo da África Ocidental, denominado Sankofa, que, em tradução, ensina: "não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu". Esse Adinkra tem como forma de representação mais tradicional o "pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro" (3).

Ler Lima Barreto é movimento Sankofa. Suas obras não só fazem olhar para trás, para a ruptura que instauram no projeto branco de nação brasileira ao inscrever no imaginário social a fala das ruas, dos pobres, dos negros com voz e compreensão da engrenagem social, mas também fazem ver a raiz, o fio, o caminho material e imaterial na história de que você e eu descendemos.

Tarefa ancestral que segue latente de levar um pouco à frente o futuro e, para isso, conhecer quem veio antes para não se desconhecer e também para se reconhecer no coletivo.

É nesse movimento de tornar-se que podemos compreender a origem da Literatura Negro-Brasileira, da Literatura Periférica, do Modernismo Negro, da necessidade de continuar a construção da história em nós de forma mais humana e diversa.

É por aí que o passeador Lima Barreto segue caminhando; é com a riqueza dessa herança que seguimos.

Porque nada está desconectado.

V

Comecei a escrever estas palavras ainda impactado pelo Show "Sobre Viver" do Criolo no Auditório Araújo Viana, casa de shows presente no coração do Parque da Redenção em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

"A Redenção", conforme é afetivamente conhecido o parque, de acordo com a historiadora Daniele Machado Vieira, tem esta denominação em comemoração à luta abolicionista que, um ano antes da Lei dos Sexagenários e quatro antes do "bilete" da princesa, conseguiu libertar ali naqueles campos centenas de escravizados (4).

Houve quem lutou em África contra a escravização.

Houve quem lutou nos porões dos navios contra a escravização.

Houve quem lutou já nas terras violadas do novo mundo contra a escravização.

Houve ainda quem compreendeu que, mesmo após a assinatura de Lei Áurea, a luta deveria seguir viva; dentre estes, Lima Barreto.

Carregada por seu exemplo e obras, a luta de Lima Barreto segue nos alcançando e libertando ainda hoje.

E, em alguma medida, possibilita a existência de Marieta dos Santos da Silveira, de Sérgio Vaz, de Criolo, de Daniele Machado Vieira, de um você e de um eu aqui no presente, compartilhando palavras, nesta relação ancestral, "Magia Negra que não acaba mais".

Leia Lima Barreto, porque nada está desconectado.

REFERÊNCIAS

(1) Marieta dos Santos da Silveira, A tentativa de tornar a mulher um nada nesta vida, em Revista TAG trilhas Vozes Negras, 2021.

(2) Sérgio Vaz, Magia Negra, disponível em https://www.geledes.org.br/magia-negra, acessado em 06/08/2022.

(3) Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Fiocruz, Sobre o Sankofa, disponível em https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais, acessado em 06/08/2022.

(4) Daniele Machado Vieira, Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano, disponível em https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570, acessado em 06/08/2022.





Augusto dos Anjos - O Verme Desgarrado

Caio Paiva Ribeiro
Editor e Colunista da Revista O Odisseu

Grandes transformações se deflagraram na sociedade e na arte com o encerramento do século XIX. Assim, à entrada no novo século, muitas eram as tendências que pululavam no interior do cânone literário brasileiro. Apesar de grandes novidades na América lusófona, os movimentos encabeçados pelos mais diversos escritores nascidos em nossa terra eram em sua grande maioria adaptações de estilos já projetados e arquitetados em ultramar, no seio do continente europeu. O Simbolismo não foi uma exceção: inaugurado pelo francês Charles Baudelaire e seu As Flores do Mal no ano de 1857, teve nas figuras dos grandes João da Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens seus representantes por excelência, os quais lavraram por intermédio da última flor do Lácio as belíssimas formas oníricas e angelicais, herméticas e ocultas, místicas e hipnotizantes, em conformidade é claro com a experiência nacional. No entanto, a originalidade de sua experimentação lírica não atingiu, ou assim alegam os críticos consagrados, a expressividade poética autêntica, de tal modo que apenas filiaram-se e contribuíram para um movimento o qual não fora em última análise por eles desenvolvido. Esta mesma massa crítica literária, porém, não seria capaz de situar ou discorrer unissonamente a respeito de um certo poeta e seu pequeno livrinho.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos foi não poucas vezes chamado de simbolista por um setor da crítica brasileira. Nascido no Engenho do Pau d'Arco-PB no ano de 1884, teria experienciado em sua vida diversas desgraças: desde ter presenciado o aborto tardio da gravidez de esposa, até a morte de seu pai, não foi inesperado a impacto que estes eventos lhe legaram ao espírito.

Assim, não somente no relato dessas tragédias como no aprofundamento de sua própria interioridade, deu à luz a versos que comunicavam a seus leitores a sua profunda desesperança:

> "Meu coração tem catedrais imensas,
> Templos de priscas e longínquas datas,
> Onde um nume de amor, em serenatas,
> Canta a aleluia virginal das crenças.
> (...)
> Como os velhos Templários medievais
> Entrei um dia nessas catedrais
> E nesses templos claros e risonhos...
>
> E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
> No desespero dos iconoclastas
> Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos." **(Vandalismo, 1904).**

Foi, portanto, em decorrência dessa conquista lírica, desse tecer finíssimo de imagens quase que oníricas, somado à tragicidade com que representa a sua própria condição, que se lhe atribui o título de simbolista. Mas não pararam por aí ao tentar classificá-lo e determiná-lo no interior do cânone literário brasileiro.

O segundo aspecto que o destaca

dentro os outros poetas é a sua atenção à forma, pois que todos os seus poemas eram escritos com um exemplar atenção à métrica dos versos (quase todos decassílabos, ou seja: eram detentores de dez sílabas poéticas) e à sua sonoridade (as rimas que o poeta desenvolvia em seu texto eram quase sempre ricas, ou seja se davam entre palavras de classificações diferentes, por exemplo: "imensas" e "crenças"). Este é um dos, senão o principal motivo de ser tão celebremente proveitosa recitação de seus versos: seja para aqueles que a escutam quanto para aqueles que a falam. Legou-se então ao poeta paraibano o título de parnasiano, não apenas em virtude de seu atentivo tratamento à forma, como também do diálogo com a tradição europeia clássica greco-romana:

Esta desilusão que me acabrunha
É mais traidora do que o foi Pilatos!...
Por causa disso eu vivo pelos matos,
Magro, roendo a substância córnea da unha.

Tenho estremecimentos indecisos
E sinto, haurindo o tépido ar sereno,
O mesmo assombro que sentiu Parfeno,
Quando arrancou os olhos de Dionisos. (Gemidos da Arte, 1907)
(...)

O que mais se apreende, porém, à medida que se progride na leitura de Augusto dos Anjos é que não somente é impossível como indesejável classificá-lo nos moldes das tendências artísticas do século XIX. É por isso que hoje a crítica se contenta em situá-lo no interior de um suposto "Pré-modernismo", que representaria um gesto no sentido da grande renovação artística deflagrada pela Semana de Arte Moderna organizada em 1922. Mais importante é ressaltar aqui que assim dito pré-modernista morreu no ano de 1914 contando apenas de 30 anos de idade, não tendo chegado a presenciar a ocorrência a qual sem sombra de dúvidas deu ao Brasil a sua primeira autenticamente brasileira tendência artística. Seu livro, ao qual deu o nome modesto e altamente elusivo de Eu, foi publicado em 1912, mas apenas continha parte de sua produção poética, a qual foi compilada e editada postumamente em 1919 com o título Eu e outras Poesias. Exploremo-lo a fim de admirar em primeira mão a originalidade do poeta:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância.
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabê-los,
Na frialdade inorgânica da terra!
(Psicologia de um Vencido, 1912).

O que chama a atenção logo de partida é a maneira em que a forma e a beleza do soneto (nome dado esta configuração de rimas, versos e estrofes) e do verso decassílabo se contrastam com a decadência e angústia esbanjadas pelo eu-lírico. Logo de cara a referência a alguns dos elementos químicos responsáveis pelo surgimento e manutenção da vida na Terra: a primeira indispensável e estrutural para quase toda célula biológica, a segunda um subproduto possivelmente tóxico para nós seres-humanos, porém igualmente impreterível a manutenção da vida. Aqui elas se unem a fim de dar origem não a uma criação divina e perfeita, não ao suprassumo evolutivo, mas sim a um

"monstro de escuridão e rutilância", criatura decadente que apenas sofre a influência do destino (aqui representado pelas constelações do zodíaco). E ao cabo disso tudo está aquele que opera a ruína do ser que é de carne, ossos e cabelo; aquele que está a cada momento espreitando a fim de manter-se em sua condição de vida, o que não obstante metamorfoseia a matéria orgânica em inorgânica no processo...

É nesse quadro de sofrimento, angústia e carnificina que avistamos logo a originalidade de Augusto que, em seu próprio mérito e originalidade, compilou as mais refinadas descobertas científicas conquistadas no século XIX e deflagrou o seu aspecto mórbido e existencial por meio da poesia lírica. É difícil não se envolver no drama existencial dos versos ao mesmo tempo que se é levado aos arrepios pelo terror propiciado por sua poesia. Ao uso de termos caros ao vocabulário científico e naturalista, defrontou o uso de linguagem poética, culminando na inequivocabilidade da morte e da decadência e ausência de sentido da existência humana, desamparada pelo que Nietzsche diagnosticara como a morte de Deus. Motivo pelo qual sua lírica ganha ao meu ver o título de universal.

O poeta, porém, não só era autenticamente brasileiro, como também nordestino, o que naturalmente transparecia em sua poesia:

A minha ama de leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me dava.
(...)
Vejo, entretanto, agora, em minha cama,
Que a mim somente cabe o furto feito...
Tu só furtaste a moeda, o oito, que brilha...

Furtaste moeda só, mas eu, minha ama,
Eu furtei mais, porque furtei o peito
Que dava leite para a sua filha!
(Ricordanza della mia Gioventù, 1912)

A denúncia aqui, explicitada por meio de uma recordação de sua juventude, deflagra a realidade ainda racista e herdeira da colonização, conquanto tivesse experienciado o Brasil sua transição de Império para República. Nesse período transicional, porém, via-se ainda os efeitos de toda uma exploração e sub-humanização das assim chamadas "raças inferiores". A verdadeira genialidade do paraibano é, contudo, trazer à tona não apenas a nossa herança colonial, como por também em cheque todas as teses hoje sobremaneira vistas como pseudocientíficas, mas à época consideras a mais avançada e refinada descrição da natureza; pois que ao fazer uso de um pessimismo profundo unido ao discurso científico e filosófico emergente, o qual se populariza cada vez mais tanto no centro quanto na periferia do Capitalismo, o exímio artista foi capaz de tecer a sua sombria porém incisiva acusação de decadência.

É o caso do mais belo e aterrador exemplo da crítica social anjiniana sem sombra de dúvidas o poema em nove partes Os Doentes, no interior do qual aponta e deflagra com maestria todo o terror e massacre imposto ao povos indígenas e africanos cuja originalidade e ancestralidade não apenas exalta como também aceita e agita como um estandarte, que, apesar de sua grandeza e nobreza, está inegavelmente encharcado do sangue de milhões...

I
Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia.
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava

Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas

Funções do encéfalo as substâncias vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram.
(...)

IV
A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!
(...)

Mas, diante a xantocróide raça loura,
Jazem, caladas, todas as inúbias,
E agora, sem difíceis nuanças dúbias,
Com uma clarividência aterradora,

Em vez de prisca tribo e indiana tropa
A gente deste século, espantada,
Vê somente a caveira abandonada
De uma raça esmagada pela Europa.

A força de Augusto é inegável, e a sua crítica é afiada e cortante. Relembrou-nos, como também o fez Lima Barreto, seu contemporâneo, o papel social da arte e a inegável potência que tem de embaraçar-nos diante da sublime expressão de uma miserável realidade sombria e vergonhosa. Assim, sem negar ou negligenciar a interioridade ou a personalidade, o poeta trafega pela história, pela religião, pela filosofia, pela literatura e pela ciência a fim de erguer sobre este fortíssimo porém conturbadíssimo alicerce uma edificação indubitavelmente sólida e compenetrante que é a sua obra, a qual não se pode chamar de menos que prima, uma verdadeira ode para os séculos que se seguiriam. Não é pouco que temos de aprender com o ímpeto desbravador e a sanha crítica de Augusto dos Anjos, o qual será poeta dos séculos ainda por muitos centenários sem a menor sombra de dúvidas. Devemos, porém, juntamento com os outros vanguardeiros de nossa literatura evitar ao máximo deixá-lo em posição subalterna como um mero predecessor de um movimento. A nossa obrigação é, na verdade, caso sintamos realmente algum compromisso com a arte nacional, reconhecer Augusto como o que ele realmente foi: um poete-verme que roeu sanguinariamente a carcaça fria e putrefata do Racialismo, do Colonialismo e do Cientificismo, sempre tão evolucionista e positivista.





Jorge Amado - Quase um século de escrita

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Criador da Revista O Odisseu

É difícil sintetizar a vida e obra de alguém como Jorge Amado, que passou praticamente um século produzindo literatura ativamente. Sua primeira publicação aconteceu com pouco mais de dezoito anos completos. Como é de se imaginar, não era a coisa mais perfeita do mundo, mas era Jorge Amado definitivamente desde a primeira palavra escrita. Fosse outro escritor, como assim foi com Lygia Fagundes Telles, esses livros já teriam sido retirados de circulação: "coisas de jovens", diria Lygia.

Sobre a literatura do Jovem Jorge Amado: cheia de vigor, virilidade e engajamento político. Essas são marcas do próprio Amado que foi um jovem que se encontrou no Partido Comunista. É dessa primeira fase que surge "Capitães da Areia", obra emblemática queimada em praça pública (literalmente) a mando das tecnologias de censura do "Estado Novo" do ditador Getúlio Vargas.

A obra é isto: uma denúncia sobre o descaso do Estado no caso dos meninos de rua em Salvador e no Brasil inteiro. No final do livro, a jornada do herói Pedro Bala se completa quando o líder dos Capitães da Areia desabrocha em um líder político e sindical que segue os passos de seu pai, que fora morto após movimentar uma greve operária. Basta saber disso para saber que a ditadura de Getúlio não iria gostar nada da obra.

Acontece que Jorge foi político no significado mais puro da coisa, tanto que chegou a ser deputado e colega de bancada do também comunista Carlos Marighella, que também foi amigo de Jorge. Com os anos, a escrita de Jorge se distancia do comunismo, retrato do próprio distanciamento do autor com a ideologia. Jorge, que chegou a ir à União Soviética para ganhar o prestigioso Prêmio Stalin Internacional, ficou chocado com os relatos de tortura nos países da cortina de ferro.

Aqui então nasce a parte do escritor Jorge Amado que mais fala comigo. Numa outra literatura, encontramos a baianidade. Em romances como "Dona Flor e Seus Dois Maridos", "Tenda dos Milagres", "Tieta do Agreste", temos personagens que são muito familiares de quem teve a sorte de nascer nas terras uterinas brasileiras. Ao ler o primeiro dos romances citados, por exemplo, me deparo com uma série de figuras que eu poderia jurar que conhecia.

Dona Flor era a figura exata de minha própria mãe: menina faceira, baiana, de curvas essencialmente mestiçadas e brasileiras, de coração mole, apreço pela cozinha, pelas novelas e a devoção à religião. Por debaixo da camada de prestígio social está o espírito intenso de quem deseja vencer todas as barreiras para encontrar o significado das coisas, da vida, que talvez seja o amor romântico.

Vadinho, primeiro par romântico de Dona Flor, é o baiano gaiato, malandro, que se envolve em rodas de samba e rabos-de-saia, aprecia cerveja, carnaval e uma boa história. Não preciso mencionar como me lembra meu pai e o seu apreço pelas anedotas descaradas e meninice teimosa. Menciono também Dona

Rozilda, sogra de Vadinho e o verdadeiro terror do genro. Rozilda condenava o ar boêmio do desgraçado que lhe roubou a filha num golpe de paixão. Quando Vadinho morre, ainda no começo do livro, a velha dispara: "Graças a Deus!". Eu conheço pelo menos duas dúzias de Donas Rozildas, estando algumas delas em minha família.

Gosto do modo como Jorge falou do nosso povo. Os críticos costumam dizer que essa é uma forma caricata de literatura, mas acho que o baiano é, em si, muito caricato. Seria extremamente triste se nascesse e crescesse em outro lugar ausente de tantos humoristas natos. A questão do candomblé na literatura do Jorge também me soa um ponto positivo. Enquanto político, Jorge Amado militou em prol da liberdade religiosa na Bahia. Imagine, logo em Salvador, território de África, haver preconceito com a afrorreligiosidade!

Outras críticas a Jorge me parecem mais válidas, como a da objetificação da mulher negra, especialmente a mestiça. Vejo como um ponto fora da curva, algo que o próprio talvez não tenha se atentado tanto, principalmente por esse ser um debate muito recente e importante. Ainda assim, ressalto a intenção de que na obra de Amado as mulheres eram semelhantes: tinham desejos, sobretudo sexuais, assim como os homens. Todas as mulheres da literatura de Jorge Amado foram sensuais e sexuais, mas também amadas. Não eram mero objeto cénico de seus livros, mas também personagens capazes de decidir por suas próprias vidas e lutar contra o controle que poderia vir de qualquer lado. Volto aqui, mais uma vez, à figura de Dona Flor. Mesmo com o impedimento de sua mãe, Rozilda, foi aos extremos para conseguir cumprir aquilo que o seu coração dizia e assim amou e odiou Vadinho. Nem as amarguras das sem-vergonhices de Vadinho foram o suficiente para que ela se arrependesse da decisão. Estava certa de que, independe das consequências de seus atos, ela iria decidir por si.

Existem muitos detalhes na obra e vida de Jorge que são fascinantes. Menciono o apreço que recebeu do seu admirador e fã mais precioso: José Saramago, que, quando viu Jorge pela primeira vez, teve vergonha de falar com o autor. Na época, Saramago não tinha o prestígio internacional de Jorge. Eventualmente, os dois se tornaram melhores amigos. José chegou a escrever que se um dia ganhasse o Nobel, seria de mérito conjunto com Jorge Amado, pois a literatura de ambos era uma só.

Jorge chegou a concorrer ao Nobel e ficou entre os 100 finalistas no ano de 1971, conforme as recentes listas de transparência da Academia nos permitiram conhecer. Perdeu para o poeta Pablo Neruda. O Nobel foi um sonho de Jorge que ele não conseguiu alcançar. Ainda assim, teve muitos prêmios internacionais, a exemplo do Camões, que é a maior distinção para escritores de língua portuguesa.

Na casa do Rio Vermelho, recebeu Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir junto à esposa Zélia Gattai. Beauvoir disse que nunca conheceu um escritor que fosse tão popular e gostasse tanto de sua popularidade. Jorge foi lido por políticos importantes e controversos, como os presidentes José Sarnei (seu amigo pessoal) e o próprio Getúlio Vargas. Apoiou Antônio Carlos Magalhães na política baiana e essa é minha maior decepção quanto ao escritor. Ainda assim, o perdoo, pois é Jorge Amado.







Zélia Gattai e Patrícia Melo: Autoras

Aline Felix
Editora e Colunista da Revista O Odisseu

Quando ficou definido que a edição deste mês da revista seria voltada exclusivamente para a literatura brasileira, por conta dos 200 anos da nossa Independência, eu já sabia que escolheria autoras mulheres.
Nesse momento político do país, acho importante termos essa consciência de que nossas escolhas literárias também são um ato político. Afinal, tudo é político.
Resolvido esse primeiro ponto, faltava ainda definir quem seriam as escolhidas, dentre tantas memoráveis.

Pensei então em trazer mulheres que escrevessem de formas distintas, uma que fosse um aconchego, outra que fosse um desconforto. Autoras que de alguma forma representassem esses duzentos anos, que representassem as nossas transformações, com uma visão crítica do passado e do presente, e que iluminassem nossas virtudes e descortinassem nossas mazelas. Mulheres que nos inspiram a pensar e criar o futuro.

Por isso, agora, para que eu possa te contar sobre uma das minhas escolhidas, imagine que você está numa cozinha ampla, com cheiro de tempero, conversa alta, movimento de crianças entrando e saindo, piso de madeira fazendo barulho, animais de estimação sentados aos seus pés. Agora, prepare-se para ouvir uma boa contadora de histórias, afinal, estamos na casa dos Gattai e Zélia vai nos apresentar os moradores e suas histórias.

É assim que você se sente ao ler Anarquistas Graças à Deus, um livro de memórias não apenas da família da autora, mas de uma São Paulo que crescia diariamente com o trabalho e a ousadia de imigrantes, como o avô de Zélia, que veio cheio de sonhos anarquistas para criar a colônia Cecília, ou então acompanhar a abertura da estrada até Santos, a chegada do automóvel e do cinema falado. Nessas páginas, acompanhamos Zélia da infância até a juventude.

Mas, em meio a tanto passado, há um frescor de futuro, pois, na casa dos Gattai, a criação dos filhos acontece de forma muito moderna, mesmo para os moldes atuais, como podemos ver no trecho em que Seu Ernesto, patriarca da família, fala sobre religião:
"Por isso não posso cometer a violência de impor uma religião, uma determinada doutrina aos meus filhos, apenas para atender às exigências da sociedade em que vivemos. Quando meus filhos crescerem, cada qual escolherá seu caminho: ou não ter religião alguma ou escolher a religião que preferir, a que achar mais certa. Minha obrigação é deixar que eles próprios façam suas comparações, tirem suas conclusões. Eu não me ofenderei, nem ficarei magoado se cada um de vocês, meus filhos, se batizar, não importa em que religião, quando forem maiores e souberem escolher. Quando crescerem não poderão me acusar de tê-los encaminhado para uma determinada religião nem de tê-los obrigado a me seguir em meu ateísmo."

Que progressista, não é mesmo?! Pois assim era essa casa, cheia de música, amigos e boa conversa.

Agora deixemos esse aconchego de família de lado, e vamos acompanhar a próxima autora. Para isso, será necessário um calçado baixo, forte e confortável, muito fôlego e coragem, pois Patrícia Melo nos leva para a periferia de São Paulo, para um jogo de futebol, um salão de cabeleireiro e alguns assassinatos em O Matador. Nos livros de Patrícia, a violência é um personagem vivo e presente em todas as páginas.
Patrícia traz em suas histórias uma toada forte e ágil, por vezes cruel. Assim também é em Mulheres Empilhadas, livro que me impactou muito, pois a autora mescla ficção com histórias reais de feminicídio, um problema extremamente atual, uma "epidemia" que tem matado milhares de mulheres por ano no Brasil.

Nessa história que se passa no Acre, o leitor é capaz de sentir o cheiro da terra úmida, o frescor da mata, ouvir o zunido dos mosquitos, sentir o gole da beberagem do carimi descendo pela garganta e voar. Conversar com as mulheres que nos antecederam, mulheres que estão ao nosso lado e com as mulheres que ainda nem nasceram, como ela descreve na fração que logo transcreverei, a qual é muito impactante. Por isso já aviso: contém gatilhos (pois a personagem descreve as reações causadas por uma dessas beberagens que trazem as lembranças da mãe que foi assassinada):

"Agora eu flutuava pela floresta, cipó, espíritos, ervas, xamãs, Zapira e as coisas que Marcos me contara estavam ali comigo, voando, voando, ao meu redor, como pássaros, num bando, e havia também caixas e potes alados, coloridos, alguns pequenos como um ovo de galinha, outros gigantes, tão grandes que eu podia mergulhar dentro deles até ficar sem fôlego; mas eu não perdia a lucidez, eu sabia que estava voando, e sabia que estava sonhando, que estava na aldeia, que era filha de uma mãe assassinada, que Amir havia me dado um tapa na cara, sabia e voava, mas então notei que agora um dos potes que borboleteavam ao meu redor de repente vomitou um tecido acetinado. Com flores amarelas. E ramos verdes. Torerá, ará. Are. Quando o toquei, percebi que não era apenas um pedaço de pano bonito, mas sim o roupão da minha mãe que ficava atrás da porta do banheiro. O roupão que ela usava ao acordar. A mesma textura fina. O cheiro doce, cheiro de flor, cheiro de perfume, cheiro de corpo limpo, cheiro de sabonete bom. Cheiro de mãe morta."

Sempre choro quando leio esse trecho, mas acho ele fundamental, porque mostra a profundidade do significado do feminicídio, que não acaba com a morte de uma mulher (que já seria terrível), mas é uma dor que se entranha na família. Sei que é intenso e pesado, mas Patrícia Melo é assim.
Além dos livros que citei dessas duas autoras, ainda consta na minha lista: A Casa do Rio Vermelho e Um chapéu para viagem, livros em que Zélia conta sobre a sua vida com Jorge Amado. E da Patrícia Melo ainda quero ler Inferno e Menos que um, dois livros que retratam a realidade das ruas e das favelas.
Além dessas dicas de livros e autoras, penso que a dica principal é: leia mulheres, pois em duzentos anos, poucas foram as mulheres que tiveram a oportunidade de se dedicar à literatura e, menos ainda, foram as que tiveram a mesma visibilidade destinada aos homens, por isso: leia mulheres. Vamos escrever uma história diferente para os próximos duzentos anos, uma história com mais autoras e vozes femininas. Ler é um ato político, escolher seus autores é um ato político, então faça isso de forma consciente.





Devemos rosas à Carolina Maria de Jesus

Laís Souza
Colunista convidada.

Quando fui convidada para escrever sobre Carolina de Jesus quis fugir.

Fugir da "fome amarela" gritada por esta mulher. Furtar-me do desespero de saber-me mulher, negra e mineira como ela e ainda assim não sabê-la. Evitar a vergonha imensa de ser e da profunda solidão que me invade sempre que leio uma das muitas traduções que ela fez dos barulhos de um estômago vazio.

A verdade é que como tantos outros eu tenho medo de Carolina. Não é fácil se colocar frente aos olhos de quem descobre e revela tudo o que vive escondido debaixo dos panos. Ela consegue a façanha impar de sendo escritora ser também simultaneamente a agente atuante do que escreve e a guia da reação do leitor. Seus olhos-projetores saltam do papel e prescrutam os brios, a sociedade, a história e até mesmo a literatura.

Por praxe devo introduzir que Carolina Maria de Jesus foi escritora, cantora e poeta brasileira nascida em 1914 em Sacramento, MG, mas que devido a sua condição de mulher pobre e negra migrou muito cedo para São Paulo tendo então vivido a maioria da sua vida na favela do Canindé, na Zona Norte. Devo acrescentar também que Carolina foi catadora de papel e mãe solteira de três filhos e se tornou conhecida no Brasil e no mundo por seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, publicado em 1960.

Mas não vou além disto na biografia dela, pois tudo isto já foi esgotado pela mídia e se trata apenas da superfície, o protocolar que pouco diz a respeito da idiossincrasia e do arrojo que fizeram desta mulher superabundante.

Já me desculpo então caso lhe interessasse a narração dos pormenores fatos da vida dela. Proponho em vez disto, uma reflexão sobre os símbolos de Carolina. Algo muito pretensioso, admito, mas creio ser também mais honesto.

E cometo ainda a ousadia de didaticamente dividir o todo ubíquo da vida dela em unidades: A escritora, a revoltada e a mulher.

A escritora

Li um dia destes que a experiência literária no Brasil é elitizada devido à dificuldade de acesso e me perguntei qual a definição de acesso nesta frase. É sabido que grande parte da população brasileira não pode custear livros e este é fato comprovado, mas, não devemos também deixar de falar do acesso interpretativo, linguístico.
Escritores que escrevem para escritores em uso de códigos literários dificilmente serão capazes de traduzir a literalidade da vida quotidiana.

Temos vários romances magníficos que abordam as misérias do Brasil porém quando mencionamos Vidas Secas, A Hora da Estrela ou O Cortiço, para citar alguns, estamos falando de personagens criados por tradutores. Carolina recriava a própria vida e para tal sentia duplicadamente: a dor do agente e a do poeta.

Existe grande distinção entre narrar e descrever. E ainda que seja possível misturar os dois tipos de organização discursiva o que Carolina fez foi inovador: ela inventou a descrição em movimento que não cabe na palavra narração, visto que ela era também parte do cenário sendo descrito, mas não na regularidade do narrador de tempos verbais. O cenário de Carolina era o ambiente não narrável o lugar apagado, mas que por estar em carne viva, se recusou a ficar imóvel. Carolina foi uma intérprete sagaz da realidade. Aí mora a inventividade de sua obra e talvez seja esta a chave para o sucesso imediato de seu primeiro livro publicado.

A palavra da rebeldia que sem tempo para descansar ainda assim escreveu que para escrever é preciso ócio. Que sem mesa apoiou o caderno no dorso da filha. Sem outros livros lia o dicionário. E sem conhecimento gramatical ou métrico deu vazão absoluta ao significado e ao ritmo.

O quarto de despejo me parece uma pergunta e a resposta começa na Casa de Alvenaria.

A revoltada

"Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade."

Autoproclamada revoltada, Carolina era inconformada e denunciou abertamente as injustiças sociais e a hipocrisia das classes mais abastadas.

Na passagem do Quarto de Despejo para A Casa de Alvenaria percebemos que bairrismo é para privilegiados. Carolina enfatiza o contraste entre a cidade e a favela e demonstra que a marginalização do pobre e preto impossibilita a moradia e inclusão social. Quem não é bem quisto em lugar nenhum não tem lugar e para este sujeito nada que esteja além da imaginação tem lastro.

As promessas políticas vazias e o sofrimento do pobre como espetáculo para entreter a burguesia também são frequentemente citados e confrontados.

Carolina leva a cidade para a realidade da favela e com isto sai da favela, mas não aceita que a usem ou que oprimam a sua dignidade. Mas, o grito, que enfatiza que esmolas não bastam, saído do estômago da fome, choca a sociedade e ela é convenientemente esquecida.

Ainda assim não deixou de escrever ou de denunciar, esta é Carolina. Foi para preservar sua identidade que ela foi para Parelheiros e rompe com o jornalista Audálio Dantas.

A petulância de ser ainda que sua existência autônoma seja tida como loucura ou ingratidão.

" Por que não critica os industriaes
Que tratam como animaes.
-Os operarios..."
(Meu estranho Diário, 1996)

A mulher

Em qualquer pesquisa rasa sobre Carolina acharemos "Carolina não quis se casar", "Carolina se isolou em Parelheiros" "Carolina passava muito tempo sozinha", mas eu acho assombroso falarem do ostracismo da Carolina e não do emparedamento ao preto. Da versão branca do mundo.

"Se e que temos o direito de renascer
Quero um lugar onde o preto é feliz"
(Antologia Pessoal, 1996)

Qual é a identidade imposta sobre a mulher negra? As mazelas estruturais do racismo moderno devem ser consideradas na interpretação das escolhas e significados afetivos do sujeito social.

(...) fiquei pensando num preto que é meu vizinho. O senhor Euclides. Ele disse:- Dona Carolina, eu gosto muito da senhora. A senhora quer escrever muitos livros? – Oh, se quero! – Mas a senhora não tem quem te dê nada. Precisa trabalhar. – Eu preciso trabalhar e escrevo nas horas vagas. – Eu vejo que a sua vida é muito sacrificada. – Eu já estou habituada. – Se a senhora quiser ficar comigo, eu peço esmolas e te sustento. É de dinheiro que as mulheres gostam. E dinheiro eu arranjo para você. Eu não tenho ninguém que gosta de mim...
(Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, 1960)

Ela não aceitou. No estudo Intelectuais Negras de 1995, Bell Hooks denúncia a representação de corpos femininos negros como corpos sem mente. Carolina era ciente da sua capacidade cognitiva e ativista contra o papel submisso historicamente instituído ao gênero feminino, contra o "afavelamento" e a favor de sua liberdade, da qual nunca abriu mão.

Conclusão

"Não digam que fui rebotalho, que vivi a margem da vida"
(Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, 1960)

A vida e obra de Carolina Maria de Jesus é cheia de ironias e rimas, uma delas está no fato de que o título original escolhido por Carolina para o livro Pedaços da Fome era A felizarda.

Chorei muito nas últimas semanas revisitando o sofrimento de Carolina, mas estanquei quando fui ler seus poemas. Mergulhando de verdade nela pude aprender a distinguir o que é deslumbramento com o sofrimento e o que é caridade. Violamos Carolina. Nós não somos caridosos e Carolina não precisa de nossas lágrimas. Nós que precisamos chorá-la para nos sentimos mais humanos, mas Carolina foi humana em si mesma apesar de nós.

O que devemos-lhe são as rosas que irão coroar a magnitude da artista que salvou a poesia da fome.

"No campo em que eu repousar
Solitária e tenebrosa
Eu vos peço para adornar
O meu jazigo com as rosas"
(Poema – Da-me as rosas, Antologia Pessoal, 1996).





Clarice Lispector - Um Mistério

Pedro Henrique Rodrigues
Colunista da Revista O Odisseu

A vida é um mistério. Cercada de mistérios que mesmo após milhares de anos, ainda sequer arranhamos a superfície de seu entendimento. Eu nunca soube qual era minha motivação de viver. Eu só queria viver e continuo vivendo. Às vezes vivencio a melancolia. Daí não há motivação para viver nem morrer. É só um torpor que num dia qualquer vai embora sem cerimônias. Confesso que tenho receios de ser um problema sério. Tenho lido mais e mais notícias e estudos sobre transtornos mentais. A Organização Mundial de Saúde, conforme li, reporta cerca de 1 bilhão de pessoas sofrendo de transtornos mentais atualmente no mundo todo. Os casos crescem a cada ano e não há cura definitiva. Tudo piora em países mais pobres, quando as condições sociais precárias não só aumentam a probabilidade de desenvolver algum transtorno como também impede a realização de tratamentos adequados. Entre os transtornos, tenho tido especial interesse em depressão. Tudo sobre ela é alarmante, ao ponto de ser chamada de "O mal do Século". Quando digo que tenho fortes receios sobre minha saúde mental em tempos de melancolia, estou evocando um passado não muito distante em que o entendimento de depressão era calcado em classifica-la como melancolia ou até mesmo loucura, sem desenvolvimento de ferramentas de diagnóstico e estratégias terapêuticas. Quem sofria de depressão não enfrentava só o transtorno em si. Clarice Lispector, uma das escritoras mais importantes do último século, foi uma dessas pessoas. Em sua única entrevista televisionada realizada poucos meses antes de sua morte, em 1977, há um determinado momento em que ela fala sobre o que escreve e às vezes rasga e joga fora e o entrevistador pergunta se "é produto de uma reflexão ou de uma sensação que você..." e ela corta e diz que é por "raiva, um pouco de raiva", no que o entrevistador questiona: "com quem?" e ela responde: "Comigo mesma". O entrevistador continua: "Por que, Clarice?". "Sei lá... eu tô meio cansada". "Do quê", pergunta o entrevistador. A resposta dela: "De mim mesma". Há

uma pausa que se encerra com uma nova pergunta: “Mas você não nasce e se renova a cada trabalho novo?”. “Bom, agora eu morri. Vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto, eu estou morta. Estou falando de meu túmulo”, responde ela. Lendo mais sobre ela, soube que sofreu queimaduras nas mãos e pernas em um incêndio provocado pelo cigarro que continuou aceso enquanto dormia, situação que contribuiu para o desenvolvimento da depressão. Muitos outros acontecimentos ao longo da vida podem também ter contribuído. Exatamente quais e o quanto? Mistérios da vida. “A hora da estrela”, publicado antes de ser diagnosticada com um fatal câncer de ovário, é um retrato psicológico de uma nordestina que se muda para o Sudeste brasileiro em busca de uma vida melhor, mas a hora da estrela ser a hora de sua morte, pois é quando ela se torna visível, embora não exista mais, encontra reflexos todos os dias nas ruas da cidade onde vivo. Em um dia desses, enquanto estava na fila do caixa do supermercado, uma moradora de rua pediu para que eu pagasse por alguns alimentos. Estava mau cheirosa, animalesca, desumanizada. O mesmo aconteceu em um metrô, quando um homem sujismundo com sobreposições de roupa e cabeça raspada apenas na frente sentou-se no corredor e implorou por alimento enquanto abria uma marmita com um pouco de comida, quebrava um pedaço do isopor da marmita e utilizava como colher. Eu não quis continuar olhando e nem fiz nada para ajudar. Imagino que nem em sua hora de morte deixem de ser invisíveis. Clarice teve sensibilidade de enxergar o humano por trás de quem apenas sobrevive. O que se passa pela cabeça dos mais de 30 milhões que estão passando fome atualmente? Dos que contam centavos para comprar soro de leite e pele de pé de galinha? Talvez Clarice pudesse nos dizer, assim como disse sobre ser mulher. “Devaneio e embriaguez duma rapariga” é um conto sobre uma mulher portuguesa entediada com o cotidiano doméstico opressivo que, através da introspecção psicológica sobre a vida que leva, decide buscar sua própria identidade. Em “Amor”, uma mulher em sua hora mais perigosa tem uma epifania ao ver um cego mascando goma, perdendo seu ponto certo de descer. De repente, percebia o quão cruel o mundo era. Quis ajudar o cego. Os ovos que representam a fragilidade da vida na sacola que ela mesma tricotou (indicativo de que ela se colocou nessa posição) se quebram e indicam uma ruptura da percepção de Ana, a personagem do conto, sobre seu jeito de viver. Ao voltar para casa, estranhou o próprio lar e a própria vida, mas foi inundada por culpa ao lembrar do filho e do marido, por quem nutria amor. O amor, então, a levou de volta ao entorpecimento de sua vida doméstica, mas sem se esquecer do mundo lá fora. Por amor, ela fez a escolha de voltar à sua vida doméstica, mesmo diante do que descobriu em sua epifania. Todos os dias, noticiários reportam mulheres que terminaram relacionamentos, fizeram uma viagem de autodescoberta ou simplesmente estão indo à padaria e foram mortas. É comum mulheres que se dedicam à carreira profissional, que decidem não ter filhos, que deixam de seguir padrões de beleza serem rechaçadas. É usual que mulheres, em nome do amor e muita opressão, “aceitem” a rotina hercúlea de cuidarem do lar, do filho, do marido, trabalhem e ainda se cuidem, sabendo que a sociedade considera apenas uma obrigação. Logo, não é surpresa que mulheres também estão mais suscetíveis à pobreza e a desenvolverem transtornos mentais. Como num ciclo interminável, pobreza tem sido associada à transtornos mentais em um número cada vez maior de estudo científicos da área. Como sempre dá para piorar, todas essas situações foram acentuadas com a pandemia de COVID-19, que promoveu milhares de mortes, dor, luto, isolamento social e medo. Sem mencionar tantas outras questões, como a guerra entre a Rússia e a Ucrânia (país onde Clarice nasceu), os problemas ambientais, as questões políticas, o racismo, a homofobia e a destruição sistemática da educação nacional, as obras de Clarice parecem ajudar a entender todos os sentimentos que advêm desses infortúnios e também das delícias de viver. Clarice foi muito pertinente sobre os mistérios da vida. Muitos, estamos simplesmente cegos para ver. Outros, sempre estarão além da nossa compreensão. Talvez por isso ela seja tão cultuada. Por ver o que ninguém ousa, por aceitar o que ninguém tem coragem. E escrever sobre isso. Quando lemos, ficamos confusos: “ela é uma esfinge” ou “um mistério”. É... a vida é um mistério e, quem ousa entendê-la, um mistério se torna também.





Ariano Suassuna e o Brasil Real

Raique Lucas de Jesus Correia
Escritor e Colunista da Revista O Odisseu

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Ariano Suassuna revelou que, certa vez, lendo Alfredo Bosi, encontrou uma importante distinção feita por Machado de Assis entre o "Brasil real" e o "Brasil oficial", tomando-a, deste então, para explicar o processo histórico brasileiro. Para ele, o "Brasil real" seria aquele representado pelo nosso povo pobre, sertanejo e favelado; enquanto que o "Brasil oficial", "caricato e burlesco" no dizer do próprio Machado de Assis, seria aquele representado pela nossa elite rica, branca e poderosa.

Posteriormente, no ensaio Canudos, Nós e o Mundo, publicado originalmente em 1999, Ariano retomando essa discussão, aprofundaria o exame. De acordo com o escritor, "em Canudos, a bandeira usada pelos seguidores de Antônio Conselheiro era a do Divino Espirito Santo — a bandeira do nosso povo, pobre, negro, índio e mestiço. Povo que o Brasil oficial, o dos brancos e poderosos, mais uma vez (e como já sucedera em Palmares e no Contestado), iria esmagar e sufocar, confrontando-se ali, no caso, duas visões opostas de justiça". Como era de se esperar, a "justiça dos poderosos", também ali cortou a cabeça do "Brasil real**", desfazendo as esperanças de libertação do povo e impedindo a sua tomada de poder.**

Essa oposição, conforme entende Suassuna, persiste até os dias atuais e os acontecimentos de Canudos continuam a se repetir a cada instante, em todas as escalas e em todos os lugares. Diariamente, incessantemente. Assim, "quando, no interior do país, uma milícia de poderosos, governamental ou não, assassina um pobre posseiro e sua família, é o Brasil dos que incendiaram e arrasaram Canudos que está atirando no Brasil real e matando seu povo**". De igual modo,** "quando, numa grande cidade, a polícia invade uma favela ou destrói uma 'invasão', são outros tantos dos nossos inumeráveis 'arraiais de Canudos' pertencentes ao Brasil real que estão sendo destruídos e assolados pelo país oficial, que, para isso, consegue recrutar, a seu serviço, outros pobres integrantes do Brasil real**".**

Por conseguinte, essa oposição, segundo Suassuna, também pode ser observada no plano da geopolítica global entre, de um lado, os países ricos e poderosos e, de outro, o chamado Terceiro Mundo, pobres e injustiçados. Dessa forma, escreve ele: "quando os Estados Unidos ameaçam a Líbia, Cuba, ou o Irã; quando, por si ou por seus prepostos, invadem Granada e o Panamá; quando a Rússia e a França se impõem ao Afeganistão ou ao Chad; e quando todos os grandes se juntam para invadir o Iraque — em todos estes casos são outros tantos 'arraiais de Canudos' que estão sendo esmagados ou humilhados**".**

Finalmente, para não sermos hipócritas, é preciso que se reconheça, como diz Suassuna, que também em casa todos nós temos nossos "arraiais de Canudos" particulares. Por isso, "quando na casa de qualquer um de nós, brasileiros brancos e privilegiados, um casal rico ou de classe média oprime e explora uma empregada doméstica negra e pobre, é o Brasil oficial que está humilhando o Brasil real e violando a dignidade de seu direito**".**

Diante do exposto, perfaz o autor, afirmando que: "a justiça somente será verdadeira quando um dia vier a se anular essa terrível dilaceração de opostos. Ou seja, quando a justiça do país oficial, pela primeira vez em nossa atormentada história, se tornar expressão perfeita e acabada da justiça do Brasil real**". A sua obra, por assim dizer, encarna a projeção desse sonho, ela mesma concebida como uma ode ao "Brasil real", a conclusão daquilo que ele mesmo batizou de "A Ilumiara".**

Inicialmente utilizado por Suassuna para se referir aos anfiteatros e monumentos arquitetônicos do passado rupestre do Brasil, o neologismo "Ilumiara" passou a servir também para designar qualquer local, espaço ou mesmo conjuntos artísticos que servissem como marcos sagratórios e de síntese da cultura de um povo. Nesta acepção mais ampliada, conforme elucida Carlos Newton Júnior, "na visão de Suassuna, até mesmo certos livros, como A Divina Comédia e o Dom Quixote, poderiam ser classificados como Ilumiaras, pela capacidade de sintetizarem os anseios universais do homem a partir de realidades locais e pelo vínculo que mantêm com a tradição"**. O seu último livro, publicado postumamente e finalizado dias antes do seu encantamento, Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores (2017), cristaliza esta perspectiva, iniciada 60 anos antes, quando Ariano começou a escrever o Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971), já ali imbuído do desejo de construir uma espécie de obra-total, que abarcando todas as suas ideias e ideias, formaria uma rede conectada de personagens, cenários e temáticas, o seu grande enredo transcendental, marco e síntese de exaltação da cultura e do povo do "Brasil real".**

Assim é que, em suas peças, romances e poemas, a presença do "Brasil real" se mostra viva, não só nas histórias, contos e cantigas populares as quais recorre para criar suas tramas, mas, essencialmente, no brado de protesto ante as injustiças que são praticadas contra o nosso povo pobre e desfavorecido. É, pois, nesse sentido que Suassuna busca, por meio da sua obra, fazer jus a luta das classes espoliadas e oprimidas, reacendendo a chama de Canudos e levando adiante aquele ideal profético que, inspirado nos apóstolos e nos movimentos messiânicos ocorridos no Nordeste, anuncia a vinda do Justiceiro ao mundo.

E não importa quantas vezes se tente cortar a cabeça do "Brasil real", uma nova sempre irá ressurgir, porque a fé do povo é maior do que a farsa do poder, e a revolução, embora possa ser contida, nunca poderá ser completamente derrotada. Se a obra de Suassuna nos diz algo sobre o futuro é a de que o povo triunfará no final, quando, no grande juízo, a Rainha do Sul se levantar para condenar os opressores e gananciosos dessa geração. Quando isso acontecer, quando o Rapaz-do-Cavalo-Branco, O Alumioso, encarnação de Dom Sebastião, ressuscitar por entre as furnas do Sertão, neste dia, o Sol de Deus vai brilhar no mundo todo, espalhando justiça e curando as mazelas da humanidade. Também neste dia, a Besta-Loura-Calibã será vencida para que se consume o Reino da Rainha do Meio-Dia, o Quinto Império, que, segundo Suassuna, o Brasil está predestinado a concretizar.

De onde vem esse Bardo Peregrino
e esse Canto de fogo e do Divino,
de Arcanjos, pedra e Luz?
Ante o Gênio da Raça o Povo anseia
e a grande Pátria sua Voz alteia
pois o Gênio reluz!
Ó Quaderna, perdoa! Esse delírio
quer dizer que teu Gênio, aí do Empíreo,
adeja sobre nós!
Perdoa, ó Rei, se aqui, aos pés do Trono,
viemos teu Sonho, e a Visão e o Sono
quebrar com rude Voz!
É que, da Turba brilhante,
teu Vulto se destacou:
Muito acima e muito adiante
como um Gavião plainou.
No voo de Fogo altaneiro
é o Gavião Brasileiro
que mais alto se elevou.
Subiu, subiu e seu Grito
foi sagrado no infinito
onde o Sol o consagrou!

(Poema retirado do Romance d'A Pedra do Reino, com o qual Pedro Dinis Quaderna, personagem-narrador, encerra o seu folheto e romance do Canto Genial da Raça Brasileira.)





Adélia Prado: Agora, Ó José

Ricardo Luigui Živko
Colunista da Revista O Odisseu

É teu destino, ó José,
a esta hora da tarde,
se encostar na parede,
as mãos para trás.
Teu paletó abotoado
de outro frio te guarda,
enfeita com três botões
tua paciência dura.
A mulher que tens, tão histérica,
tão histérica, desanima.
Mas, ó José, o que fazes?
Passeias no quarteirão
o teu passeio maneiro
e olhas assim e pensas,
o modo de olhar tão pálido.
Por improvável não conta
o que tu sentes, José?
O que te salva da vida
é a vida mesma, ó José ,
e o que sobre ela está escrito
a rogo de tua fé:
"No meio do caminho tinha uma
pedra",
" Tu és pedra e sobre esta pedra",
a pedra, ó José, a pedra.
Resiste, ó José. Deita, José,
dorme com tua mulher,
gira a aldraba de ferro pesadíssima.
O reino do céu é semelhante a um
homem
como você, José.
(Agora, ó José - Adélia Prado).

Adélia Prado, mulher, mãe, dona de casa, crente em Deus e filósofa. Existencialista que afirma que toda sua poesia vem do susto. Poeta, com toda certeza.

Quando ainda tinha dúvidas quanto ao seu dom de ser poeta, teve a confirmação por Carlos Drummond de Andrade, um dos responsáveis pela publicação de Bagagem, primeiro livro de Adélia, e assim, pela entrada dela na cena literária brasileira.

Talvez seja por isso, ou apenas por Drummond ser um dos maiores poetas do cânone brasileiro, que Adélia dialogou com seus poemas, mais de uma vez. É o caso de "Agora, ó José", onde, claramente, é possível identificar um jogo com "José", de Drummond, seja pelo nome no título, seja pelo poema em si.

O José de Drummond, logo no primeiro verso, começa questionado, e essa questão ecoará por todo o poema, trata-se de uma questão sobre o futuro: "E agora, José?" O que acontecerá agora? O que você, José, fará agora? Enquanto esse José é mergulhado em uma incerteza sobre o futuro, o José de Adélia, seguindo caminho inverso, tem, também no primeiro verso, a confirmação de que seu futuro já está traçado, não é um questionamento, mas uma certeza: "É teu destino, ó José".

E é esse Fatalismo que explica a primeira imagem evocada, de um José tranquilo: "É teu destino, ó José, a esta hora da tarde, se encostar na parede, as mãos para trás." A imagem de um José que passeia: "Passeias no quarteirão o teu passeio maneiro" e não de um que marcha, como se vê no poema de Drummond: "Você marcha José! José, para onde?". Há a diferença entre passear e marchar, sendo o primeiro algo mais

algo mais leve, descontraído, "maneiro", enquanto o outro algo mais rigoroso, doloroso até, e que pode ser associado a um sentido militar, e consequentemente a uma guerra. Mas, além disso, há uma diferença de direção, um ruma para algo incerto e o outro dá voltas no quarteirão, o que os diferencia aqui é essa consciência de "para onde vou" e essa aparente dicotomia estaticidade/dinamismo. Entretanto, é necessário evidenciar que não há nada estático aqui, o José de Adélia, de certo modo não sai do lugar, dá voltas ao redor de um mesmo ponto, mas ele está em movimento, ele passeia. Não vai além disso porque não quer, porque sabe que não precisa, porque ele tem uma certeza que falta ao outro José, e que certeza é essa?

A certeza do José Adeliano, o que o salva da vida "é a vida mesma, ó José, e o que sobre ela está escrito a rogo de tua fé:" destaque para a palavra fé. A seguir há uma citação direta de outro poema de Drummond "No meio do caminho tinha uma pedra" com a explicação de que pedra é essa "Tu és pedra e sobre esta pedra", de Mateus 16:18: "Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Vejamos o que significa esta pedra. Aqui, sabendo do conhecimento teológico e das crenças de Adélia, devemos interpretar pelo sentido bíblico, teológico. A igreja, o reino de Deus, é montado sobre a pedra que naquele caso era Pedro, mas a igreja não pode ser montada em cima de apenas um homem, Pedro ali representa algo. A fundação da igreja, seu alicerce, não é um humano, mas algo que transcende a lógica e a razão humana, é o triunfo da fé, sobre a razão. A igreja de Deus é erguida sobre a fé do homem, e é essa fé em Deus que garante ao homem a certeza. A certeza que diferencia um José do outro. A fé.

Há uma angústia nos dois Josés, uma angústia que atravessa todo o poema de Drummond e que também pode ser visto no de Adélia, na palidez e no desânimo de seu José. Os dois lutam, são duros, são duros, mas lutam de maneira diferente. Em Drummond, José é duro, pois não morre, sobrevive. Em Adélia, José tem uma "paciência dura". Aqui, é possível ressaltar a diferença pela certeza, a paciência de um só é possível pois se tem certeza de seu destino, se tem fé em Deus, enquanto o outro sobrevive em incertezas, em frequentes dúvidas. Uma analogia aquática é bem-vinda: Enquanto o drummondiano luta para não se afogar, dando braçadas desesperadas para se manter com a cabeça acima da água, o adeliano afunda com o kit completo de mergulho.

Esse "kit" não é uma ideia abstrata, extratextual, mas é possível de ser identificada no próprio texto. O José de Drummond é "sem teogonia", não tem uma consciência espiritual, não sabe "de onde vem", "o que é" e muito menos "para onde vai", já o de Adélia foi visto que está espiritualmente muito bem, pois tem fé. O de Drummond não tem apoio "Sem parede nua para te encostar", enquanto o José de Adélia, como foi visto na primeira imagem evocada do poema, ostenta de uma parede e ainda mais, goza do privilégio das mãos para trás, só lhe falta o assobio para completar o exemplo de tranquilidade. Para que não fique aqui essa imagem totalmente romantizada é necessário esclarecer que essa pose pode também simbolizar reflexão e até angústia, mas o mais importante é notar que há uma parede, que há algo para se apoiar. Por último, para o José de Drummond "não existe porta", mesmo que ele tenha a chave e a intenção de abrir a porta, caso ela existisse, mas o outro José tem a oportunidade de abrir a porta, mesmo que sem chave, mas com a luta pela fé: "a pedra, ó José, a pedra", a fé, ó José, a fé. E com a luta pela paciência, pela resistência: "Resiste, ó José. Deita, José, dorme com tua mulher", resista a rotina, um dia após o outro, o desânimo ocasionado pela mulher "tão histérica". E suportando tal pesado fardo, girando "a aldraba de ferro pesadíssima" lhe é permitido entrar no reino do céu que "é semelhante a um homem como você, José", um homem que sofre, mas sabe que sofre e que aceita esse sofrer, e aceita por consciência da importância deste sofrer. Um homem que luta no silêncio. Um homem de fé.



Chico Buarque - Quando se é artista

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Criador da Revista O Odisseu

"E se te perguntassem se você é um homossexual?", pergunta uma telespectadora do programa Vox Populi ao cantor /compositor/ musicista/ dramaturgo/escritor Chico Buarque de Hollanda. O programa em questão é do ano de 1979, ano em que a Ditadura Militar ainda perdurava no Brasil, embora já não desse com as pernas e precisasse lidar com a insatisfação da população a respeito das promessas econômicas frustradas, à repressão à liberdade de expressão e à perseguição e tortura de seus oponentes.

"Eu poderia ser um homossexual", responde Chico com muita honestidade. "Não sou por acaso", conclui. Coisa difícil encontrar quem pense assim ainda nos dias de hoje, quando a sexualidade ainda é associada a uma escolha pessoal, e o termo "opção sexual" ainda resiste à avalanche de conteúdo sobre diversidade que existe disponível.

No fundo, o que Chico queria perguntar é: "e se eu fosse?".

Para responder à pergunta, ele não fez menção ao seu casamento ou aos seus filhos já nascidos nesta época. Porque o que importava era explicar que ele não era homossexual por acaso, e que se acaso as suas composições sugerissem que a sua sexualidade era diferente daquela que assumia em público, ele não se importava.

Desde o início de sua carreira até os dias de hoje, pois o mestre segue vivo e em plena atividade, Chico se importou unicamente com a qualidade daquilo que daquilo que produz. Seu compromisso é unicamente com o seu papel de artista, e o artista, como o próprio mencionou, "não tem sexo". Nem raça, nem cor, nem nacionalidade.

Em tempos como os nossos, em que questionamentos válidos são feitos a respeito do entendimento do que seria o "lugar de fala", Chico Buarque, homem heterossexual, branco, vindo de família abastada, cisgênero, abria a boca para exprimir voz feminina, aguda ou grave, incorporando trejeitos e se transvestindo do que se poderia se compreender de mais imoral possível.

> "Quero ficar no teu corpo
> Como tatuagem
> Que é pra te dar coragem
> Pra seguir viagem
> Quando a noite vem
> E também para me perpetuar em tua escrava
> Que você pega, esfrega, nega
> Mas não lava"
> **(Tatuagem - Chico Buarque).**

Claramente, tão sincera observação da vida de quem se entrega aos braços de um homem não vem do nada. Chico se mostrou observador assíduo do comportamento e sentimentos das mulheres, negros, gays, travestis, putas, cafetões, homicidas, operários, religiosos, pessoas da maior responsabilidade ética e aqueles que não valiam nada! Seu interesse, volto a dizer, era a arte.

Por isso, sua obra é contraditória, como deve ser a de todo e qualquer

artista. Chico Buarque não é um consenso, não é um exemplo dentro do debate humanitário, tampouco um inimigo declarado da diversidade e das minorias sociais, como por vezes o apresentam. Na verdade, por vezes, usou a sua arte que tanto já foi palanque de denúncias sociais importantes e urgentes, a exemplo dos grandes sucessos "Apesar de Você" e "Cálice", para provocar o politicamente correto.

"Mirem-se no exemplo daquelas
mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e
raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam, se
banham de leite, se arrumam
Sua melenas
Quando fustigadas, não choram, se
ajoelham, pedem e imploram
Mais duras penas
Cadenas"

("Mulheres de Atenas" - Chico Buarque).

"Mulheres de Atenas" é provavelmente o exemplo que mais me choca na literatura de Chico Buarque. Pelo exemplo de vida de Chico, sua caminhada impecável quanto a luta pelos direitos das mulheres e demais minorias sociais, pode soar contraditório as estrofes da canção. O que acontece aqui, entretanto, é a crítica por meio do absurdo: se exprime o que há de pior na situação de opressão para que se veja quão ridículo é o pensamento. É como se Chico falasse diretamente com aqueles que pensam como os "Heróis e Amantes de Atenas": vejam como vocês são ridículos.

É questionável se o objetivo da música foi atingido, se a abordagem é ou não a melhor, ou se ainda é possível aceitar que se divulgue algo nessa qualidade. O que não se pode é censurar. Ao menos é isso o que dizemos, pois o próprio Chico Buarque se censura. Em 2022 decidiu que não iria mais cantar "Com açúcar, com afeto", música encomendada por Nara Leão e que fala sobre um relacionamento abusivo. A militância feminista questionou por anos se a música não romantizava essas relações. Com essas críticas, Chico concorda em não mais cantar a canção.

"Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa..."

("Com açúcar, com afeto" - Chico Buarque).

Em resposta à notícia que não iria mais cantar a música, a vocalista da Banda Pata Fu, Fernanda Takai, dispara: "não deixarei de cantar as músicas (em seus shows)". Para Fernanda, esse estilo de vida é condenável, mas não é papel da arte falar até mesmo do que é mais repulsivo? Afinal, o repulsivo não está em nós, humanos?

"Com açúcar, com afeto" não é uma ideologia, não é a emissão de uma opinião, é a pura retratação desta condição: muitas mulheres se entregam aos homens que as fazem sofrer e fazem isso com prazer. Ora, o que fazer? O absurdo não é mais matéria para a arte?

Para finalizar, cito o caso que a cantora Maria Bethânia sempre conta. Bethânia é a cantora com maior histórico de interpretações de canções de Chico Buarque. Ela conta que, ao conhecer sua líder espiritual, Mãe Meninha do Gantois, cantou uma música a seu pedido. O pedido era para uma música aleatória, apenas para ouvir a voz da menina Maria Bethânia, ainda jovem, que ganhava voz e estética própria. Bethânia escolheu cantar "Olhos nos Olhos", que é minha composição favorita de Chico. Ao terminar de cantar, Mãe Menininha pergunta:

"Que mulher escreveu essa música?"

"Não foi mulher", responde Bethânia,

"foi o senhor Chico Buarque de Hollanda".

"Impossível", respondeu Mãe Meninha, "é impossível que um homem escreva algo com tanto sentimento".



Eliana nada disse de ti, Brasil - Eliana Alves Cruz

Lili Baillargé
Colunista da Revista O Odisseu

Eliana Alves Cruz é escritora e jornalista nascida na cidade do Rio de Janeiro, autora de "Água de Barrela" (Malê, 2015), "O Crime do Cais do Valongo" (Malê, 2017), "Nada Digo de Ti, Que Em Ti Não Veja" (Pallas, 2020) e "Solitária" (Companhia das Letras, 2022) colocando no centro em seus romances a população negra, nos históricos em plena escravidão, nas porções contemporâneas focando na herança do último país a libertar os povos escravizados oficialmente e o que mais utilizou essa mão-de-obra no ocidente, mas — e talvez, por isso — que continua cento e trinta quatro anos depois a manter seus hábitos, em muitos casos, em pura repetição do Brasil colônia.

"Vitória era o seu quinto nome desde que viera ao mundo. Ela nascera como o menino Kiluanji Ngonga. Quando entendera sua verdadeira natureza, foi chamada de Nzinga Ngonga, depois virou sacerdotisa e era chamada de Nganga Marinda (sacerdotisa dos mistérios ancestrais). Desembarcou na América sequestrada dos seus e a batizaram como o homem Manuel Dias. Depois de conquistar sua liberdade, escolheu ser apenas Vitória, pois era assim que se considerava: vitoriosa" **("Nada Digo de Ti, Que Em Ti Não Veja", p. 38)**

Uma dessas figuras lembradas no romance é a irmã de sua bisavó, evocada novamente na dedicatória de "Solitária" — "Para minha tia Maria da Glória, a Dodó, cujo rosto nunca vi e de quem apenas sei que o trabalho nunca a libertou.", em entrevista ao Universa a escritora conta: "Os relatos dos meus familiares sobre minha tia Dodó, [...], são de muito ressentimento por ela não ter tido uma vida. Ela não teve filhos, não teve infância, não teve adolescência: viveu para aquela família. Morreu de maus tratos com um tumor, então tem toda uma narrativa de ressentimento dos demais pelo desperdício dessa vida. No livro "Água de Barrela" tem uma foto linda da minha bisavó, que era irmã dela. Já ela não tem uma imagem. É como se ela não tivesse passado sobre a Terra.".

A história de Dodó não é rara no período pós Lei Áurea e tampouco permaneceu no passado, as histórias de Eliana servem não apenas para não esquecer esse passado, mas para ficarmos atentos a realidade brasileira. Segundo dados da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) do Ministério do Trabalho e Previdência, na última década foram resgatados 13,6 mil trabalhadores em condições análogas à escravidão, apenas no ano de 2022 foram quase 500

(números do mês de julho), 84% se autodeclararam pretos ou pardos e 57% nasceram no Nordeste de acordo com levantamento do Brasil de Fato.
A história de Dodó e a história de Dadá em "Solitária" é a história de Madalena Santiago da Silva (50 de 60 anos de vida em situação análoga à escravidão), a história de outras tantas sem nome divulgado nas notícias: 63 anos, 32 de trabalho em Nova Era-MG; 48 anos, 26 de trabalho em Belém-PA; 54 anos, 43 de trabalho em Recife-PE; 84 anos, 72 de trabalho no Rio de Janeiro-RJ; 89 anos, 50 de trabalho em Santos-SP. Também é a história da brasileira explorada por Margarida Bonetti e seu marido nos EUA que ganhou repercussão com o podcast "A Mulher da Casa Abandonada" de Chico Felitti e essas tantas histórias que atestam a relevância da literatura feita por Eliana. Todas em sua maioria negras resgatadas de famílias ricas brancas.

"Como um pôr do sol que vai chegando de mansinho dentro da moldura de uma janela elegante, ou como a manhã que aos poucos tinge o céu com o mesmo rosa do poente do dia anterior, nossa vida foi passando. Eu e mamãe continuávamos ali, na gaiola dourada do edifício Golden Plate. Éramos pássaros dentro de um viveiro luxuoso, mas uma jaula deixa de ser a vilã da liberdade só porque é pintada de dourado?" ("Solitária", p.69)

No meio desse mar de números, há um outro para abrir ainda mais a ferida: muitas dessas mulheres, eram apenas meninas quando tudo começou, meninas que tiveram sua infância negada. Em "Solitária" isso é verbalizado em alguns momentos: "Ela sabia que as crianças como eu — como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó — não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era mais uma na lista." E exemplificado em uma diversidade de situações que não envolvem apenas trabalho, mas riscos e responsabilidades que uma menina pobre corre e tem que assumir, e uma menina, ou mesmo uma mulher, pois tem essa infância prolongada, não correm e não correm e não assumem.

Eliana é urgente para o Brasil, pois fala do que é urgente, e fala com força, maestria, poesia em narrativas viciantes com suas aventuras e mistérios de riqueza histórico-cultural inestimável que dão voz a quem por muito tempo não teve alguma, e que consegue ser ouvida finalmente apesar de tudo aquilo que foi e é feita para que não fosse e não seja mais ouvida.





Todas as artes dessa edição (incluindo as artes de capa) são de autoria de Maicon Aquino (@aquinart);
Direção de Conteúdo de Ewerton Ulysses Cardoso, Caio Paiva Ribeiro e Aline Felix;
Edição de Texto de Ewerton Ulysses Cardoso e Caio Paiva Ribeiro;
Diagramação e Direção de Arte de Ewerton Ulysses Cardoso.